DOI: 10.20396/cel.v68i00.8683041

CC BY NC

# O PRONOME “VOCÊ”: TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS, INTERPRETAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

## THE PRONOUN 'YOU': MORPHOSYNTACTIC FEATURES, INTERPRETATION, AND IMPLICATIONS FOR TEACHING

Giovana Pereira Abranches[1]
Isabella Lopes Pederneira[2]

**RESUMO:** Este artigo analisa o comportamento morfossintático e semântico do pronome "você" no português brasileiro no quadro da Morfologia Distribuída. Argumenta-se que "você" não possui traços de pessoa em seu nó terminal, o que explica tanto a concordância verbal de terceira pessoa quanto a ausência da pressuposição que barraria a leitura de segunda pessoa; a interpretação de interlocutor é atribuída ao componente dêitico, e não a traços morfossintáticos. Examina-se e descarta-se a análise alternativa por empobrecimento de traços, cuja condição de aplicação não se formula para as variedades em que "tu" preserva a concordância de segunda pessoa. Para a leitura impessoal do pronome, sujeita a restrições aspectuais, modais e sintáticas aqui descritas, adota-se a proposta de Zobel (2014), segundo a qual a variável introduzida pelo pronome é ligada por um operador genérico. Discutem-se, por fim, as implicações desses resultados para o ensino de língua portuguesa na educação básica, com propostas de atividades voltadas à reflexão metalinguística.[3]
**Palavras-chave:** Gramática Gerativa; Morfologia Distribuída; pronomes; educação.

**ABSTRACT**: This paper analyses the morphosyntactic and semantic behaviour of the pronoun você in Brazilian Portuguese within the framework of Distributed Morphology. It is argued that você bears no person features in its terminal node, which accounts both for third-person verbal agreement and for the absence of the presupposition that would block the second-person reading; the addressee interpretation is attributed to the deictic component rather than to morphosyntactic features. An alternative analysis based on feature impoverishment is examined and rejected, since its conditioning environment cannot be formulated for those varieties in which tu retains second-person agreement. For the impersonal reading of the pronoun, subject to the aspectual, modal and syntactic restrictions described here, Zobel's (2014) proposal is adopted, according to which the variable introduced by the pronoun is bound by a generic operator. Finally, the implications of these results for Portuguese language teaching in basic education are discussed, along with activities aimed at metalinguistic reflection.
**Keywords:** Generative Grammar; Distributed Morphology; pronouns; education.

## 1. INTRODUÇÃO

Os pronomes pessoais representam um domínio privilegiado para a investigação das interfaces entre os componentes da gramática, sendo sua interpretação o resultado da

[1] Doutoranda em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. giabranches@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-9040-6183>.
[2] Professora do Departamento de Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. isabellapederneira@letras.ufrj.br <https://orcid.org/0009-0000-0872-5717>
[3] Há trechos deste artigo que foram retirados ou adaptados da dissertação de mestrado do Abranches (2023).

interação entre traços morfossintáticos, contexto discursivo e estrutura sintática. Uma característica essencial dos pronomes é que sua referência não é fixa, dependendo fundamentalmente do contexto em que são empregados. Isso implica que um mesmo pronome pode designar diferentes indivíduos conforme a situação comunicativa:

(1) A: Eu$_1$ acho você$_2$ inteligente.
B: E eu$_2$ acho você$_1$ legal.

No sistema pronominal do Português Brasileiro (PB), o pronome “você” ocupa uma posição particularmente interessante, porque nele a relação entre forma e interpretação se mostra opaca. Conforme demonstrado em Abranches (2024), o pronome “você” exibe uma incongruência entre sua interpretação semântica e seu comportamento morfossintático: refere-se ao interlocutor, mas desencadeia concordância verbal de terceira pessoa e seleciona o reflexivo *se*, embora admita o clítico *te* em contextos não locais. A esse quadro soma-se a possibilidade de leitura impessoal em contextos específicos, em que o pronome deixa de designar um interlocutor determinado e passa a envolver quantificação genérica.

A relevância deste trabalho justifica-se por duas razões centrais. A primeira é permite uma análise formal dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída do comportamento sintático e semântico desse pronome. Sobre a natureza morfossintática, busca-se responder que traços de pessoa compõem o nó terminal onde "você" é inserido. Sobre a natureza semântica: como esses traços se articulam à pressuposição que os traços-φ introduzem na interpretação e como um pronome que denota o interlocutor pode receber leitura genérica? Argumentaremos que as duas questões têm resposta articulada: a ausência de traços de pessoa em "você" é justamente o que permite que sua interpretação seja determinada por um componente dêitico, e não por traços morfossintáticos, abrindo caminho para que a variável introduzida pelo pronome seja ligada por um operador genérico.

Em seguida, discutimos as implicações do comportamento deste pronome para o ensino de língua portuguesa na educação básica. Na tradição escolar, "você" recebe tratamento superficial, sendo por vezes classificado apenas como "pronome de tratamento" (Bechara, 2009; Cunha e Cintra, 2017; Martins, 2020), sem que se explorem as peculiaridades acima mencionadas — peculiaridades que, precisamente por não serem transparentes, tornam o pronome um objeto produtivo para o desenvolvimento da competência metalinguística dos estudantes, na direção prevista pela BNCC.

O artigo se organiza como segue. A seção 2 apresenta os pressupostos teóricos e discute a noção tradicional de pronome. A seção 3 examina o comportamento morfossintático de "você" e confronta duas análises concorrentes quanto à composição de seus traços. A seção 4 caracteriza a leitura impessoal e suas restrições. A seção 5 apresenta a proposta de análise. A seção 6 discute as implicações para o ensino, e a seção 7, as considerações finais.

## 2. BASES TEÓRICAS

### 2.1 Pressupostos da Morfologia Distribuída

A análise desenvolvida neste trabalho insere-se no quadro teórico da Morfologia Distribuída, modelo construcionista da Gramática Gerativa que assume que a sintaxe é responsável pela formação de estruturas tanto acima quanto abaixo do nível da palavra

(Halle e Marantz, 1993; Embick e Noyer, 2007). Nesse modelo, os itens de vocabulário são inseridos tardiamente em estruturas sintáticas compostas por feixes de traços morfossintáticos abstratos, sendo possível que haja subespecificação na relação entre traços e formas fonológicas e operações de empobrecimento (*impoverishment*) que podem alterar ou deletar traços em contextos específicos antes da inserção de vocabulário.

### 2.2 Pronomes na tradição gramatical e na perspectiva gerativista

Na tradição normativa, pronomes são geralmente definidos como a classe de palavras que substitui ou acompanha um substantivo (Cunha e Cintra, 2017).

Essa definição, contudo, revela-se insuficiente para capturar todos os usos pronominais. Em primeiro lugar, enquanto formas como "esse" podem efetivamente substituir substantivos ("Que caderno bonito, eu quero esse"), o mesmo não se aplica aos pronomes de primeira e segunda pessoas. O pronome *eu* não está substituindo a expressão "o falante" ou "a pessoa que fala". Compare-se:

(2) a. O falante saiu da sala.
b. Eu saí da sala.

A sentença (2a) é no mínimo ambígua e não é equivalente a (2b): em (2a), "o falante" pode referir-se a qualquer pessoa que tenha o papel de falante, enquanto em (2b), *eu* necessariamente se refere à primeira pessoa do singular.

Essa questão não está ligada apenas à indexicalidade. Mesmo pronomes não-indexicais, como *ninguém* ou *alguém*, não precisam ser definidos a partir da substituição de um substantivo ou de sintagmas como "nenhuma pessoa"/"alguma pessoa". Além disso, como já se observa nos exemplos acima, pronomes substituem não apenas substantivos, mas DPs inteiros, o que reforça a importância da noção de sintagma, que poderia ser trabalhada com os estudantes (Kenedy, 2013):

(3) a. A menina bonita saiu da sala.
b. Ela saiu da sala.

Assim, os pronomes pessoais caracterizam-se pelo fato de seu referente variar de acordo com cada contexto extralinguístico e linguístico, ou seja, apresentam uma dependência referencial, de modo que a identidade de seus referentes só pode ser determinada pelo contexto extralinguístico (pronomes de primeira e segunda pessoas), linguístico (pronomes de terceira pessoa) ou inferencialmente (Siewierska, 2004).

Seguindo a proposta de Abranches (2024), consideramos que os pronomes pessoais são itens funcionais, ou seja, são representados por um feixe de traços morfossintáticos e não apresentam raiz.

## 3. O COMPORTAMENTO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO DE "VOCÊ"

### 3.1 A incongruência entre semântica e morfossintaxe

O pronome "você" apresenta uma incongruência sistemática entre sua semântica e seu comportamento morfossintático. Esse *mismatch* pode servir como gatilho pedagógico para que o aluno reflita sobre o comportamento morfossintático da língua, mais especificamente sobre questões de concordância verbal e dos pronomes clíticos que

podem ser usados com os diferentes pronomes pessoais. Como apontam Basso e Oliveira (2012), as aulas de Língua Portuguesa podem se tornar um lugar de construção de gramática e de conhecimentos sobre o funcionamento da própria língua.

Assim, é interessante que o aluno observe que, semanticamente, o pronome "você" funciona como segunda pessoa, mas não apresenta essa segunda pessoa como uma propriedade formal. Quando um falante diz "Você está cansado?", está claramente se dirigindo ao seu interlocutor, não a uma terceira pessoa ausente da situação comunicativa. Morfossintaticamente, no entanto, o pronome "você" comporta-se como terceira pessoa. Esta terceira pessoa morfossintática manifesta-se na concordância verbal, mesmo em dialetos que apresentam o pronome "tu" com concordância de segunda pessoa do singular:

(4) a. Você está cansado. (não *estás*)
b. Você foi ao cinema. (não *foste*)
c. Você tinha razão. (não *tinhas*)

No entanto, os pronomes clíticos e outras formas pronominais possessivas apresentam variação entre formas de segunda e terceira pessoas:

(5) a. Eu vi você e te cumprimentei.
b. Você se/*te viu no espelho.
c. Você$_i$ disse que ele te/*se$_i$ viu no espelho.
d. Me empresta o seu/teu livro?

A perspectiva diacrônica é relevante para o linguista e para o aluno na medida em que permite reconstruir os processos históricos que deram origem a determinados fenômenos linguísticos, oferecendo um ponto de partida para a compreensão das mudanças ao longo do tempo[4]. Contudo, a diacronia não constitui, por si só, uma explicação adequada do funcionamento da competência do falante em um dado momento, uma vez que o conhecimento linguístico internalizado é sincronicamente estruturado e não depende do acesso consciente às etapas históricas que o originaram. Com isto em mente, buscamos trazer uma explicação sincrônica para o comportamento sintático-semântico deste pronome.

### 3.2 Análise dos traços morfossintáticos

A questão central que se coloca é: como analisar os traços morfossintáticos de "você"? Em uma análise em que o pronome e o nó de concordância apresentam traços morfossintáticos de segunda pessoa, seria necessário explicar por que *te* não pode ser usado como reflexivo, uma vez que é mais especificado que *se* para pessoa. Em uma análise em que o pronome apresenta traços morfossintáticos de terceira pessoa, é necessário explicar por que ele é interpretado como um pronome de segunda pessoa.

Ao considerarmos que a concordância é uma operação na qual a sonda (*probe*) checa seus traços não-interpretáveis e não-valorados com os traços intrínsecos do alvo

[4] Com o olhar diacrônico, podemos entender que o pronome "você" apresenta concordância de terceira pessoa porque se originou da expressão nominal Vossa Mercê, que era um sintagma de tratamento e gramaticalmente de terceira pessoa. Ao longo do processo de gramaticalização (Vossa Mercê → vosmecê → você), essa forma passou a ser usada para se referir diretamente ao interlocutor, adquirindo interpretação de segunda pessoa, mas preservando seus traços morfossintáticos originais.

(*goal*), para que seus traços sejam deletados antes de Spell-out (Chomsky, 1995), devemos considerar que "você" possui traços morfossintáticos de terceira pessoa:

(6) a. [TP T [ϕ:_] [vP Você [ϕ:3,sg;Case:_] [ v-ama [ VP [ V Ana]]]]]
b. [TP T [ϕ:3,sg] [vP Você[ϕ:3,sg;Case:Nom] [ v-ama [ VP [ V Ana]]]]]

Por outro lado, os pronomes são considerados, na semântica formal, variáveis, ou seja, "um termo cuja denotação não é lexicalmente fixa, mas varia segundo uma atribuição de valores que lhe é feita, seja por uma função contextual, seja por sua ligação a um operador" (Müller, 2003, p. 45). Tanto a primeira e segunda pessoas quanto a terceira pessoa introduzem uma variável. Os traços do pronome de primeira pessoa, por exemplo, pressupõem (no sentido de Heim e Kratzer, 1998) que a variável refere-se ao falante. Seguindo Heim e Kratzer (1998), na Forma Lógica (LF) pronomes possuiriam índices numéricos que são mapeados para valores semânticos por uma regra sobre pronomes e vestígios: se α é um pronome ou vestígio, *i* é um índice, e *g* é uma atribuição de variáveis cujo domínio inclui *i*, então $[\![\alpha_i]\!]^g = g(i)$. (Heim e Kratzer, 1998)

Assim, para pronomes livres (os pronomes referenciais), a atribuição é dada pelo próprio contexto de enunciação. Então, qual seria a contribuição dos traços de pessoa para a semântica do pronome? Os traços-φ de forma geral denotam funções de identidade parcial (partial identity functions), introduzindo pressuposições:

(7) a. $[\![[1st]]\!]^{g,c}$ = λx: x inclui o falante em c. x
b. $[\![[3rd]]\!]^{g,c}$ = λx: x exclui falante e ouvinte em c. x
(Kratzer, 2009)

Neste sentido, se *você* tiver traços de terceira pessoa, a análise de "ouvinte" deveria estar barrada.

### 3.3 Análise com ausência de traços de pessoa

Conforme discutido por Abranches (2024), na proposta de Martins e Nunes (2021), o descompasso entre semântica e morfossintaxe ocorre devido à interação entre a subespecificação morfológica e a concordância *default*. Seguindo o que prevê a *Condição Elsewhere* (Kiparsky, 1973), regras mais restritas têm prioridade de aplicação em relação às regras menos específicas, enquanto a regra mais geral é aplicada nos casos em que nenhuma regra restrita se aplica. A concordância *default* seria o caso mais geral, em que nenhuma outra realização fonológica mais específica para concordância pode ser aplicada.

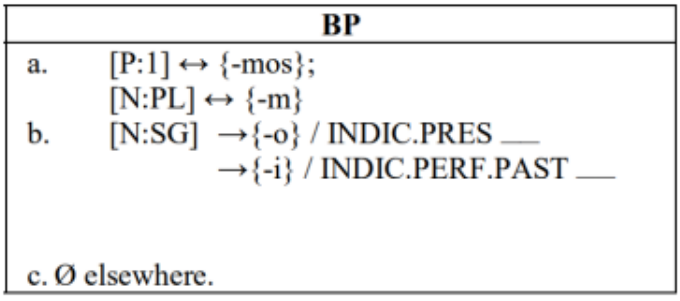
Ao lidar com casos como "a gente vamos", ou seja, do pronome concordando com a primeira pessoa do plural, Martins e Nunes (2021) explicam que isso só é possível devido à subespecificação total do pronome. Como "a gente" não possui um valor morfológico para pessoa ou número, a concordância pode ser induzida por traços semânticos ("a gente vamos"), decorrente da completa subespecificação dos traços-φ, ou pela concordância morfológica default ("a gente vai"). Quanto à interpretação do pronome, a ausência de traços-φ seria uma maneira de explicar por que a segunda pessoa não é barrada pela pressuposição que os traços de terceira pessoa introduziriam (isto é, a não referência ao interlocutor); ainda assim, seria necessário repensar a maneira como o pronome é interpretado.

Quadro 1: Especificação morfossintática e semântica dos pronomes pessoais

| **Pronomes nominativos** | **Pessoa e número** | |
|---|---|---|
| | Especificação semântica | Especificação morfológica |
| eu | [P: 1; N:SG] | [P/N:SG] |
| **você** | [P:2; N:SG] | `[P; N] |
| ele, ela | [P: 3; N:SG] | `[P; N] |
| nós | [P: 1; N:PL] | `[P/N:1] |
| a gente | [P: 1; N:SG] | [P/N] |
| **vocês** | [P: 3; N:PL] | [P; N:PL] |
| eles, elas | [P: 3; N:PL] | [P; N:PL] |

Fonte: adaptado de Martins e Nunes (2021)

Figura 1: Fonologia associada aos traços morfossintáticos dos pronomes pessoais




Fonte: Martins e Nunes (2021)

Na Morfologia Distribuída, essa ideia poderia ser capturada com traços monovalentes, que podem estar ausentes ou presentes no nó terminal. O Português Brasileiro utiliza os traços [1] e [2], e a terceira pessoa, diferentemente do que ocorre no Português Europeu, é representada pela ausência de traços. *Ele*, *ela* e *você* não competem por inserção, porque *ele* e *ela* são especificados para gênero, diferentemente de *você*. No entanto, retomando Heim e Kratzer (1998), é interessante observar que, apesar de não haver um traço de pessoa que force a leitura de segunda pessoa (ou seja, que restrinja o domínio no qual o índice numérico do pronome será mapeado), este pronome apresenta a leitura de ouvinte e nunca de um não-participante. Novamente, teríamos que nos perguntar qual seria, então, o papel dos traços de pessoa na interpretação do pronome.

Um possível problema dessa análise é que ela não explica por que nunca observamos "você" realizando "concordância semântica", como ocorre com "a gente" em "a gente vamos". Na análise destes autores, em dialetos que apresentam a morfologia de

segunda pessoa, esperaríamos que “você” pudesse realizar essa concordância semântica, já que é subespecificado para pessoa e número.

### 3.4 Análise com empobrecimento de traços

Nesta seção, examina-se uma análise alternativa para "você", segundo a qual o pronome carregaria traços de segunda pessoa eliminados por uma regra de empobrecimento antes da inserção de vocabulário. A proposta parte do tratamento de Harris (1998), também apresentado em Embick (2015), para o sincretismo entre segunda e terceira pessoas em "ustedes" no espanhol latino-americano, e estende-o ao contexto singular do português brasileiro. Como se mostrará, essa extensão enfrenta dificuldades que levam a descartá-la: ela não explica por que, em dialetos em que "tu" preserva a concordância de segunda pessoa, apenas "você" sofreria o empobrecimento, e a alternativa de vincular o processo à formalidade (Arregi e Nevins, 2018) não se sustenta para o português brasileiro, dada a variação da relação entre "tu"/"você" e formalidade entre os dialetos. Tampouco se resolve por que "te" não pode ser reflexivo, embora possa ocorrer em contextos não locais.

Passemos à alternativa na análise de traços de “você”, em que consideramos que o pronome possui traços de segunda pessoa, e como isso poderia ser feito a partir de Harris (1998) e Embick (2015), sobre o uso de *ustedes* no espanhol da América Latina. No espanhol, o sincretismo da segunda e terceira pessoas do plural é tão geral (ocorrendo com clíticos, concordância e em todos os tempos e modos verbais), que a subespecificação por si só não parece dar conta dessa generalização. Assim, para explicar esse padrão de sincretismo, Harris (1998) postula uma regra de empobrecimento (*impoverishment* rule):

(8) Empobrecimento da segunda pessoa (somente espanhol da América Latina):
[±2] → Ø / [, *+pl]*
(Embick, 2015)

Essa regra elimina o traço de segunda pessoa no contexto plural, de modo que este nó não apresenta traços de pessoa. Os itens de vocabulário inseridos em nós sem esse traço de pessoa serão itens default.

Se adotarmos essa explicação para o português brasileiro, restaria explicar por que “você” (singular) também concorda com a terceira pessoa. No português falado no Rio de Janeiro, não seria um problema propor que no contexto [+sg] a segunda pessoa também sofre empobrecimento. No entanto, ficaríamos sem uma explicação para dialetos em que *tu* apresenta concordância com a segunda pessoa, ou seja, dialetos em que parece que a regra de empobrecimento seleciona apenas os traços de segunda pessoa de “você”.

Em espanhol, há ainda outra camada a se considerar: o uso de *usted* está relacionado ao nível de formalidade que se deseja estabelecer na relação com o interlocutor. Assim, Arregi e Nevins (2018) propõem que a segunda pessoa [+formal] sofra um empobrecimento:

(9) Empobrecimento formal:
a. Descrição Estrutural (SD): [+participant, -author, +formal]
b. Mudança Estrutural (SC): [+participant] → [-participant]
(Arregi e Nevins, 2018)

Desse modo, *tú* seguiria com a concordância verbal de segunda pessoa e clíticos de segunda pessoa, enquanto *usted* apresentaria concordância com terceira pessoa e clíticos de terceira pessoa.

Essa análise, no entanto, pode ser problemática no português brasileiro, em que não há uma divisão tão clara de formalidade entre *tu* e *você* em muitas regiões. Em dialetos como o de Santa Catarina, por exemplo, "você" é mais formal, *tu* com concordância de terceira pessoa é mais informal, mas *tu* com concordância de segunda pessoa é mais formal. Além disso, pode ser problemático em dialetos onde não há distinção de formalidade entre *tu* e *você*, ou em dialetos em que *tu* é informal e "você" é "neutro", podendo ser usado tanto em situações informais quanto formais. Por fim, apesar dessa proposta, se adotada para o português brasileiro, explicar por que não usamos *te* como reflexivo, não fica explicado o porquê de podermos usar *te* em contextos não locais.

A incongruência descrita nesta seção não é apenas um problema de análise: por tornar visível o descompasso entre forma e interpretação, ela constitui um objeto produtivo para o trabalho de reflexão metalinguística em sala de aula. Retomamos essa possibilidade na seção 6.

## 4. "VOCÊ" IMPESSOAL E A INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA

### 4.1 Caracterização do uso impessoal

Além de seu uso referencial, o pronome "você" tem um uso pouco explorado, ou mesmo inexplorado, na maioria das gramáticas escolares. Este pronome pode apresentar uma leitura impessoal, em que não se refere a um interlocutor específico, mas a um conjunto genérico de indivíduos. Nesse caso, pode ser interpretado como "qualquer pessoa" ou "alguém".

Em diversas línguas, existem pronomes que são usados para se referir não a um indivíduo ou grupo de indivíduos específico, mas sim a pessoas de modo geral. Esses pronomes podem ter formas que são usadas exclusivamente para o uso impessoal, como *one* do inglês e *man* do alemão; existem também formas que abrangem tanto o uso pessoal quanto o impessoal, como o pronome "você", e aquelas que são estritamente utilizadas como pronomes pessoais, como *ele*.

As sentenças em (10) ilustram esses dois usos do "você":

(10) a. Você ia muito à praia. [uso referencial]
b. Você acha esse tipo de produto no mercado. [uso impessoal]

A estratégia de empregar a segunda pessoa do singular como pronome impessoal é comum em muitas línguas, como no Húngaro, Estoniano, Turco, Árabe do Golfo, Hindi, Mandarim, Hebraico Moderno, e nas línguas Germânicas, Romanas e Eslavas (cf. Siewierska, 2004). Esse uso novamente levanta questões para a semântica do pronome: como um pronome de segunda pessoa pode ser interpretado como um pronome impessoal? Interessantemente, esse uso ocorre com pronomes morfossintaticamente de segunda pessoa do singular como *you* (inglês) e com "você" e *usted* (espanhol), por exemplo, que são pronomes que podemos analisar como sendo de terceira pessoa do singular morfossintaticamente, mas semanticamente expressam a segunda pessoa.

Esse fato parece ser importante se observarmos que o uso impessoal não ocorre com outro pronome com a mesma especificação morfossintática de "você", o pronome "ele". Possivelmente, essa leitura não ocorre com pronomes explícitos de terceira pessoa

do singular (e com referência à terceira pessoa), porque não é possível, com a exclusão do falante e ouvinte, derivar uma leitura genérica inclusiva, nem é possível derivar a leitura de uma generalização sobre um coletivo como pode ocorrer com a terceira pessoa do plural[5].

### 4.2 Restrições morfossintáticas e semânticas sobre o "você" impessoal

Percebe-se claramente que o contexto em que o pronome está inserido é relevante para sua leitura impessoal. Conforme demonstrado por Abranches (2024), há uma relação clara entre essa leitura do pronome de segunda pessoa e sentenças genéricas. Observa-se que sentenças episódicas barram a leitura impessoal do pronome; nestas sentenças, apenas o uso referencial de "você" está disponível. Por esta razão, em sentenças com aspecto perfectivo a leitura genérica é quase sempre barrada:

(11) Pretérito Perfeito do Indicativo
a. #Você pagou muitas contas.
b. #Você mal terminou de pagar uma conta e logo chegou outra.
c. #No século XIX, você conheceu muitas pessoas famosas nesta cidade.
d. ??No século XIX, você pôde conhecer muitas pessoas famosas nesta cidade.

(12) Futuro do Pretérito do Indicativo
a. #Você terá terminado de pagar muitas contas.
b. #Você mal terá terminado de pagar uma conta e logo terão chegado outras.
c. #No século XXV, você terá conhecido muitas pessoas famosas nesta cidade.
d. ??No século XXV, você poderá ter conhecido muitas pessoas famosas nesta cidade.

Com aspecto imperfectivo, esta leitura torna-se possível, mas não em qualquer sentença; parece ser necessário expandir o contexto morfossintático, seja tornando o período composto, adicionando modificadores ou verbos modais, como pode ser observado em (13b) e (14b):

(13) Pretérito Imperfeito do Indicativo
a. #Você pagava muitas contas.
b. (Naqueles tempos) Você pagava uma conta e logo chegava outra.

(14) Presente do Indicativo
a. #Você paga uma conta.
b. Você paga uma conta e logo chega outra.

Pode-se observar que expressões modais (verbos modais e sentenças condicionais), por vezes, possibilitam ou facilitam a disponibilidade da leitura do "você" impessoal. Operadores modais quantificam sobre mundos possíveis, selecionando o mundo ideal onde as condições corretas são alcançadas:

[5] Estamos considerando que "eles" não é pronome impessoal pelo seu comportamento distinto: "eles" só tem a
leitura de um grupo não específico quando ocorre com um locativo ou marcação temporal ( Holmberg & Phimsawat (2015); além disso, nunca significam "qualquer pessoa", "todas as pessoas" porque exclui o falante e o ouvinte. Podemos observar que they não pode ser usado em frases onde you e one são utilizados
(i) a. He said you can find this product in the local mall
b. He said one can find this product in the local mall
c. #He said they can find this product in the local mall

(15) a. #Você é responsável para fazer um projeto desses.
b. Você tem que ser responsável para fazer um projeto desses.
c. #Você sai quando está chovendo e se molha.
d. Se você sai quando está chovendo, você se molha.

Observa-se ainda que o deslocamento temporal/espacial também pode auxiliar a leitura impessoal do pronome:

(16) a. Você encontrava muitas pessoas famosas nessa rua.
b. No século XIX, você encontrava muitas pessoas famosas nessa rua.

Zobel (2014) aponta que tanto von Fintel and Heim (2011) quanto Portner (2009) entendem a modalidade como uma expressão de deslocamento. Portner (2009) observa a modalidade como "a capacidade de transmitir informação sobre objetos e eventos que são deslocados não apenas no tempo e espaço, mas também em atualidade ou potencialidade."

### 4.3 Restrições sintáticas: posição de tópico e foco

Em posição de tópico, a leitura genérica é menos saliente, talvez até mesmo inaceitável:

(17) a. ?Você, se começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.
b. Se você começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.

Já em posição de foco, parece ser completamente barrada:

(18) a. #Foi você que chegou atrasado (e não ele).
b. #É você que se começar a fumar hoje, amanhã está usando outras coisas.

Outras posições sintáticas não demonstram a mesma restrição:

(19) a. Se o projeto dá um notebook para você, este precisa ser devolvido em um ano.
b. Quando alguém te ama de verdade, você percebe.
c. Convidar alguém para entrar na sua casa devia ser visto como algo muito sério.

### 4.4. Restrições semântico-pragmáticas

Além do contexto morfossintático, a leitura específica ou genérica parece não se adequar a alguns contextos semântico-pragmáticos. Vejamos frases como em (20):

(20) a. Você é sortudo se você ganha na mega-sena.
b. Você fica feliz quando você ganha na mega-sena.

Sabemos que ganhar na mega-sena não é um evento habitual, que ocorre diversas vezes a um único indivíduo, de modo que causa estranheza fazer esta generalização sobre uma pessoa específica, um interlocutor. Desta forma, apesar de possível, a leitura referencial parece menos adequada, sendo a leitura genérica a mais saliente.

Cabe ressaltar que estes contextos de leitura mais apropriados não dizem respeito à gramaticalidade da leitura neste determinado recorte sintático, mas à restrição do contexto pragmático considerando a frequência do fato no mundo real.

## 5. PROPOSTA DE ANÁLISE

Para tratar do uso impessoal do pronome "você", seguiremos a proposta de Zobel (2014). A autora propõe que estruturas pronominais são *Heimian indefinites* (indefinidos heimianos) que contribuem com conteúdo descritivo com base em uma relação determinada contextualmente no sentido de Nunberg (1993).

Nunberg (1993) sugere que expressões indexicais são formadas a partir de três componentes: (i) o componente dêitico, que seleciona uma entidade do contexto (o índice); (ii) o componente relacional, que impõe requisitos sobre a relação que existe entre o índice e possíveis referentes e (iii) o componente classificatório, que contém informações morfossintáticas e semânticas sobre os traços (número, gênero, animacidade) que restringem ainda mais a escolha do referente.

Para o pronome "você", os componentes seriam:

(21) a. Componente dêitico: o índice é o destinatário/ouvinte em c.
b. Componente relacional: restringe as relações possíveis àquelas que relacionam o índice a valores semânticos que o falante instancia.
c. Componente classificatório: limita o referente final a indivíduos singulares, animados, etc.

Elbourne (2008) propõe, seguindo a análise de Nunberg (1993), uma representação sintática para expressões pronominais:

(22) [pronome [$R_1$ $i_2$]]; R = modela a relação determinada contextualmente; i = modela o índice
(Elbourne, 2008, p. 421)

Como Zobel analisa os pronomes como *Heimian indefinites*, ela propõe a seguinte modificação a essa estrutura. Nos usos impessoais, a variável livre *x* seria ligada por um operador genérico *Gen* em nível sentencial (Krifka, 1995):

(23) [*x* [$R_1$ $i_2$]]; x = variável livre contribuída pelo pronome; i = modela o índice de Nunberg; R = modela a relação determinada contextualmente entre x e i (Zobel, 2014)

Zobel (2014) propõe que o valor para R seja uma relação de identificação que relaciona indivíduos a conjuntos de indivíduos com os quais eles se identificam (seguindo Moltmann, 2006, 2010). Portanto, para os usos impessoais, o valor para R é a relação "identifica-se com":

(24) $\lambda y_e.\lambda x_e.\lambda w.$ identifica-se-com(y)(x)(w)

Na interpretação impessoal, o componente dêitico seleciona os mesmos indivíduos do contexto que ela faz na interpretação referencial. O ouvinte é definido como o valor de *i*. A autora atribui a R uma relação de identificação no sentido de Moltmann (2010), que relaciona o indivíduo selecionado pelo componente dêitico à variável *x* que é genericamente quantificada. Assim, o componente dêitico estabelece a ligação com o

interlocutor, mas a possibilidade de referentes é um conjunto de entidades que mantêm uma relação com o interlocutor (estabelecida pelo componente relacional)[6].

Assim, como observado, propomos que os pronomes se comportem como *Heimian indefinites* (Moltmann, 2006, 2010; Malamud, 2012; Zobel, 2014) sendo a variável introduzida pelo pronome ligada a um operador genérico. A proposta de Zobel (2014) é vantajosa para a análise aqui desenvolvida porque não exige a postulação de traços adicionais para dar conta da semântica do pronome: em vez de alterar a composição do nó terminal, ela altera o modo como o pronome é interpretado, distribuindo essa interpretação entre os componentes dêitico, relacional e classificatório, de maneira que os traços morfossintáticos deixam de determinar isoladamente o valor semântico final de um pronome pessoal, atribuindo a R a relação "identifica-se com".

Propostas como as de Moltmann (2006, 2010) e Malamud (2012) tratam os usos impessoais por meio da noção de simulação da pessoa: a leitura genérica resultaria de o intérprete se projetar na posição do indivíduo descrito, de modo que a generalização permanece ancorada em um participante do ato de fala. Essa arquitetura tem uma consequência para o PB que a torna incompatível com a análise aqui adotada: ela exige que "você" apresente traços de segunda pessoa na Forma Lógica. Trata-se, portanto, da via examinada na seção 3.4, cujos limites já foram expostos.

Sobre a concordância verbal, adotamos aqui em parte a proposta de Martins e Nunes (2021), adaptando-a ao quadro da Morfologia Distribuída. Em um sistema de traços monovalentes, aquilo a que a tradição se refere como terceira pessoa corresponde, no PB, à ausência de traços de pessoa, o que desencadeia a concordância default vista em (4). Dessa maneira, um traço com [3] ou [-participant] não estaria envolvido na composição do pronome[7], razão pela qual não se introduz a pressuposição de exclusão do ouvinte formulada em (7), que barraria a leitura de segunda pessoa. O que Martins e Nunes (2021) tratam como uma especificação semântica do pronome atribuímos ao valor gerado pelo componente dêitico da proposta de Zobel (2014).

A alternativa examinada na seção 3.4 (segundo a qual o nó terminal onde "você" é inserido possui traços de segunda pessoa eliminados por uma regra de empobrecimento antes da inserção de vocabulário) converge com essa análise no resultado final, já que também produz um nó sem traços de pessoa, mas não é adotada aqui. Como se mostrou naquela seção, ela não explica por que o empobrecimento atingiria apenas "você" nos dialetos em que "tu" preserva a concordância de segunda pessoa, e sua reformulação em termos de formalidade não se sustenta diante da distribuição de "tu" e "você" nas variedades brasileiras (Arregi e Nevins, 2018). A análise sem traços de pessoa alcança o

[6] Zobel (2014) não determina claramente como deveremos lidar com o componente classificatório (os traços de pessoa) em sua proposta para pronomes impessoais. Esse componente pode se mostrar um problema para essa análise: um pronome como *you*, que tem traços de segunda pessoa, teria seu valor final restringido pela pressuposição que os traços de segunda pessoa introduzem, ou seja, necessariamente estaríamos nos referindo ao ouvinte, eliminando a possibilidade da leitura impessoal. Note que na leitura impessoal, o ouvinte nem mesmo precisa estar incluído no subconjunto de referentes possíveis:
(i) O bom de ser professor é que você aprende muito com as experiências em sala de aula.
No caso do "você", apesar de não termos problemas com o traço de pessoa (se assumirmos que não há traço de pessoa como Martins e Nunes (2021)), teríamos um problema com o traço de número singular, uma vez que "você" impessoal pode ser usado para se referir a conjuntos de indivíduos plurais:
(ii) Casais de noivos se estressam porque você precisa fazer muita coisa antes do casamento.
Zobel (2014) sugere que o componente classificatório possivelmente restringiria apenas o valor do componente dêitico. Dessa forma, o valor final do pronome não dependeria exclusivamente do componente classificatório.

[7] Nevins (2007) para argumentos contra a ausência de traços de terceira pessoa.

mesmo resultado sem depender de uma regra cuja condição de aplicação permanece não formulável para o PB.

Para lidar com os clíticos *te* e *se* podemos recorrer a alguns autores que interpretam a Teoria de Ligação a partir de elementos mais básicos e essenciais, como Move, Merge ou Agree (Kayne, 2002; Zwat, 2002; Reuland, 2005). A relação do pronome com o reflexivo, o princípio A, é estabelecida como uma relação de *Agree*, o que não ocorreria em relações não locais, portanto explicando a diferença no comportamento dos clíticos. Desse modo, a ligação anafórica é entendida com base no compartilhamento de traços-φ, ou seja, a operação *Agree* estabelece relações de dependência anafórica. Reuland (2005) aponta que após valorar os traços da anáfora de tipo SE, as "instruções para interpretação" da anáfora são as mesmas que para os traços argumento externo, implicando que essa dependência será interpretada como uma relação de ligação. Como o clítico "te" possui traços de segunda pessoa, mas "você" não, não seria possível usar "te" como reflexivo[8].

## 6. IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

As atividades apresentadas a seguir organizam-se em progressão e dialogam com habilidades do eixo de Análise Linguística/Semiótica da BNCC. Esse eixo prevê que o aluno construa, progressivamente, um conhecimento sistemático sobre categorias, processos e recursos linguísticos, a partir da observação de dados da língua. As atividades[9] de comparação entre "tu" e "você" (Atividade 1), de investigação dos clíticos (Atividade 2) e de manipulação de contexto para alternar leituras referencial/impessoal (Atividades 4 e 5) dialogam diretamente com essa perspectiva, pois partem de dados concretos da língua para que o próprio aluno formule generalizações. Esta postura se opõe à simples transmissão de regras não necessariamente da língua, tal como preconizado pelo documento.

Essas atividades também podem ser articuladas à noção de competência metalinguística, entendida como a capacidade de o falante tomar a própria língua como objeto de reflexão consciente, distinguindo-a do uso espontâneo. A incongruência entre a interpretação semântica de "você" (segunda pessoa) e seu comportamento morfossintático (concordância de terceira pessoa) é particularmente produtiva nesse sentido, já que ela força o aluno a perceber que forma e significado não coincidem automaticamente, favorecendo o que a BNCC descreve como o desenvolvimento da capacidade de análise, comparação e sistematização de fenômenos linguísticos, habilidade que extrapola o estudo de "você" e pode ser transferida para outros pontos de variação e mudança na língua. Ao invés de simplesmente apresentar regras de concordância verbal de forma prescritiva, o professor pode conduzir os alunos a descobrirem os padrões de concordância através da observação e análise de dados linguísticos. Ou seja, devemos elicitar do aluno "procedimentos de formulação de hipóteses e raciocínio inferencial sobre dados linguísticos" (Pilati e Naves, 2011), não respostas prontas. Por exemplo, pode-se propor aos alunos que observem as diferenças entre:

(25) a. *Você estás cansado/ Você está cansado/Tu estás cansado. (em alguns dialetos)
b. Você está cansado. / *Você estás cansado / Tu está cansado. .

[8] Há algumas frases específicas em que "te" parece ter maior aceitação como reflexivo como em "Você te orienta"

[9] Articulam-se mais diretamente a EF06LP06 e EF07LP12, EF07LP13, EF08LP15, EF69LP55 e EF69LP56)

A partir dessa observação, os alunos podem ser levados a perceber que "você", apesar de se referir ao interlocutor (como *tu*), comporta-se morfossintaticamente como *ele* no que diz respeito à concordância verbal, mesmo quando temos disponível a concordância de segunda pessoa (como em (25a)) . Essa descoberta pode ser o ponto de partida para discussões sobre:

- A diferença entre sintaxe e semântica;
- Os processos históricos de mudança linguística (gramaticalização);
- A variação dialetal e de registro no uso de pronomes;

Além disso, a questão dos pronomes clíticos associados a "você" pode ser explorada pedagogicamente para demonstrar aos alunos que o uso linguístico é mais complexo e interessante do que as regras simplificadas da gramática normativa:

Quadro 2: Clíticos de segunda pessoa

| **Acusativo reflexivo** | **Acusativo** | **Dativo** |
|---|---|---|
| Você se viu no espelho<br>*Você te viu no espelho | Você disse que ele te viu no espelho<br>*Você$_i$ disse que ele se$_i$ viu no espelho<br>?Você$_i$ disse que ele o/a$_i$ viu no espelho | ?Você$_i$ está machucado, vou lhe$_i$ dar um curativo<br>Você$_i$ está machucado, vou te$_i$ dar um curativo |

O aluno, guiado pelo professor, pode perceber que "você", no domínio local, seleciona o reflexivo de terceira pessoa e concorda verbalmente com a terceira pessoa do singular, enquanto seleciona te quando há "distância sintática" com o pronome você.

Além disso, o estudo do "você" impessoal oferece oportunidades didáticas importantes, permitindo trabalhar com noções como genericidade, variação linguística e dependência de contexto. A análise de exemplos contrastivos pode ajudar os alunos a compreender como diferentes interpretações emergem e quais fatores as condicionam.

Tais discussões permitem que os alunos desenvolvam uma consciência linguística mais sofisticada, compreendendo que a língua é um sistema complexo em que diferentes níveis de análise interagem de maneiras nem sempre transparentes. Mais do que isso, permite que o aluno perceba que no fazer científico, muitas das questões não estão resolvidas; há espaço para investigação e pesquisa. Nas subseções seguintes, apresentamos algumas propostas de atividades relacionadas a diferentes características do pronome "você".

### 6.1. O pronome "você" como ferramenta para reflexão sobre concordância e traços formais

Um dos pontos que pode se mostrar mais produtivo pedagogicamente no estudo desse pronome é utilizar o "você" como gatilho para reflexão sobre fenômenos de concordância, de modo que o ensino desse fenômeno não seja realizado de forma mecânica e pouco reflexiva.

O comportamento de "você" permite uma abordagem mais investigativa sobre o funcionamento da língua. Propõe-se que o professor conduza atividades em que os alunos sejam levados a observar e comparar padrões de concordância:

Atividade 1: Observação de padrões de concordância

Apresente aos alunos os seguintes dados e solicite que identifiquem padrões:

(26) a. Tu falas português (em alguns dialetos) / Tu fala português
b. Você fala português.

Questões para reflexão:

- "Você" se comporta como qual outro pronome em termos de concordância?
- Mas "você" se refere a quem? Ao interlocutor (como "tu") ou a uma terceira pessoa (como "ele")?
- Por que existe essa diferença?

Essa atividade permite que os alunos identifiquem uma incongruência entre o referente semântico e o comportamento morfossintático do pronome "você". A partir desse entendimento, o estudante pode passar a observar outros fenômenos da língua, como a variação na concordância verbal, sob uma perspectiva mais analítica e científica. Isso ocorre porque ele se depara com o fato de que nem sempre há uma correspondência direta entre forma e significado, e de que certas categorias gramaticais, como pessoa, podem não ser realizadas fonologicamente no verbo.

Atividade 2: Investigação dos pronomes clíticos

Apresente aos alunos exemplos de uso de pronomes clíticos com "você" e solicite que identifiquem variações:

(27) a. Você se viu no espelho
b. Você$_i$ disse que ele te$_i$ viu no espelho
c. *Você$_i$ disse que ele se$_i$ viu no espelho

Questões para reflexão:

- Quais pronomes clíticos podem ser usados com "você"? Quando podemos usar cada um deles?

Atividade 3: Pronomes possessivos

Apresente exemplos de uso de pronomes possessivos associados a "você":

(28) a. Você trouxe seu/teu livro?
b. Ele disse que seu livro caiu.

Questões para reflexão:

- Quais pronomes possessivos se referem a terceira pessoa? E a segunda pessoa?
- É possível usar "seu" como pronome de terceira pessoa? Se sim, em que casos isso é possível e em que casos isso não é possível?

- Há diferença de significado entre “seu” e “teu”? Em que situações se usa cada um?

### 6.2. O pronome “você” impessoal

O uso impessoal de “você” oferece oportunidades para demonstrar ao aluno como o contexto linguístico (e também extralinguístico) pode influenciar a interpretação.

Atividade 4: Identificação de usos referenciais e impessoais

Apresente aos alunos os seguintes exemplos e solicite que identifiquem se “você” se refere ao interlocutor específico ou a pessoas em geral:

(29) a. Você está cansado hoje?
b. Quando você estuda muito, aprende mais.
c. Você já almoçou?
d. Se você sair no frio sem agasalho, pode ficar doente.
e. Você precisa de CPF para abrir uma conta bancária.

Questões para reflexão:
- Em quais frases “você” se refere diretamente ao interlocutor?
- Em quais frases “você” poderia ser substituído por “a gente”, “as pessoas” ou “qualquer um”? O que no contexto da frase ajudou a determinar essa interpretação?

Atividade 5: Manipulação de contexto para alterar interpretação

(30) Você encontra muitas pessoas interessantes nesta cidade.

Tarefa:
- Modifique a frase para que “você” claramente se refira ao interlocutor específico/ tenha interpretação impessoal. (“Olha, você encontrou muitas pessoas interessantes nesta cidade, não é? Ontem mesmo você conheceu aquele artista famoso!” /“Quando você ganha na loteria, sente uma alegria imensa.”)

Essa atividade permite que os alunos compreendam que a interpretação linguística não depende apenas da forma das palavras, mas também do contexto discursivo, aspecto verbal, modalidade dentre outros fatores já citados ao longo do artigo.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de um descompasso do comportamento do pronome “você” no PB: “você” designa o interlocutor, mas desencadeia concordância de terceira pessoa, seleciona o reflexivo *se* e admite *te* apenas em contextos não locais. A esse quadro, soma-se a disponibilidade de leitura impessoal do pronome em contextos genéricos. Buscou-e mostrar que os dois fenômenos encontram uma resposta articulada no quadro da Morfologia Distribuída.

Quanto à composição de traços, adotou-se a análise segundo a qual o nó terminal em que “você” é inserido não apresenta traços de pessoa, adaptando ao quadro da

Morfologia Distribuída a proposta de Martins e Nunes (2021). Dessa hipótese decorrem dois resultados: a concordância verbal realizada é a *default*, uma vez que nenhum item mais específico compete pela inserção; e não se introduz a pressuposição de exclusão do ouvinte associada aos traços de terceira pessoa, o que deixa disponível a leitura de interlocutor. Essa leitura foi atribuída não aos traços morfossintáticos, mas ao componente dêitico, que permite a ancoragem no interlocutor por meio da relação "identifica-se com" da proposta de Zobel (2014). Esse deslocamento permite manter o nó terminal sem especificação de pessoa, justificando a concordância *default*, sem que a interpretação do pronome fique indeterminada. A interpretação impessoal é derivada através da quantificação genérica sobre uma variável livre, conforme proposto por Zobel (2014).

Examinou-se, e descartou-se, a alternativa segundo a qual "você" carregaria traços de segunda pessoa eliminados por uma regra de empobrecimento antes da inserção de vocabulário. Embora ela convirja com a análise adotada no resultado final, sua condição de aplicação não é formulável para o português brasileiro: não se explica por que o empobrecimento atingiria apenas "você" nas variedades em que "tu" preserva a concordância de segunda pessoa, e a reformulação em termos de formalidade não se sustenta diante da distribuição de "tu" e "você" nas variedades brasileiras (Arregi e Nevins, 2018). A análise sem traços de pessoa alcança o mesmo resultado sem depender de uma regra estipulada.

Do ponto de vista pedagógico, defendeu-se que o estudo do pronome "você" oferece oportunidades valiosas para o desenvolvimento de competências metalinguísticas nos alunos. Especificamente, o comportamento desse pronome permite:

1. Reflexão sobre fenômenos de concordância: os alunos podem descobrir que a relação entre forma e função não é sempre transparente. Além disso, demonstra que traços morfossintáticos não precisam estar sempre realizados foneticamente.
2. Compreensão da sistematicidade da variação na língua: o uso de pronomes clíticos (*te* vs. *se, lhe*) e possessivos (*teu* vs. *seu*) com "você" permite explorar questões de variação regional e social, mas também reflete propriedades estruturais sobre o funcionamento da língua.
3. Consciência da influência contexto (extra)linguístico: a distinção entre usos indexicais e impessoais de "você" demonstra como o contexto, tanto linguístico como extralinguístico, influencia a leitura do pronome.

A incorporação de *insights* teóricos da Gramática Gerativa no ensino não implica transformar a sala de aula em um espaço de teorização abstrata, mas fornecer ferramentas conceituais e analíticas aos professores para que estes, por sua vez, levem aos alunos a investigar a língua que utilizam. Retomando Basso e Oliveira (2012), cabe ao aluno construir a gramática: esta não é algo já dado, é uma construção (uma teoria) que realizamos para entender um objeto natural. O estudo do pronome "você", com todas as suas peculiaridades e aparentes irregularidades, pode mostrar aos alunos que "o universo – e também a língua que eles falam – é muito, muito interessante e merece ser mais bem compreendido" (Basso e Oliveira, 1012, p. 36).

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Giovana Pereira. O item de vocabulário você no português brasileiro: explorando a sintaxe e suas interfaces sob a ótica da Morfologia Distribuída. Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.

2024. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
ARREGI, Karlos; NEVINS, Andrew. Beware Occam's syntactic razor: morphotactic analysis and Spanish mesoclisis. **Linguistic Inquiry**, v. 49, n. 4, p. 625-683, 2018.
BASSO, Renato Miguel; OLIVEIRA, Roberta Pires de. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. **Matraga**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 30, 2012.
BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2018.
CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
ELBOURNE, Paul. Demonstratives as individual concepts. **Linguistics and Philosophy**, v. 31, n. 4, p. 409-466, 2008.
EMBICK, David. **The morpheme**: a theoretical introduction. Boston; Berlim: De Gruyter Mouton, 2015.
EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (ed.). **The Oxford handbook of linguistic interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324.
FINTEL, Kai von; HEIM, Irene. **Intensional semantics**. Cambridge, MA: MIT, 2011. Lecture notes for "Advanced Semantics": https://github.com/fintelkai/fintel-heim-intensional-notes.
HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: **The view from Building 20**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
HARRIS, James. Spanish imperatives: syntax meets morphology. **Journal of Linguistics**, v. 34, n. 1, p. 27-52, 1998.
HEIM, Irene. **The semantics of definite and indefinite noun phrases**. 1982. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts, Amherst, 1982.
HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. **Semantics in generative grammar**. Malden: Blackwell, 1998.
HOLMBERG, Anders; PHIMSAWAT, On-Usa. Generic pronouns and phi-features: evidence from Thai. In: **The Second Asian and European Linguistic Conference Proceedings**. 2015. p. 55-71.
KAYNE, Richard S. Pronouns and their antecedents. In: EPSTEIN, Samuel David; SEELY, T. Daniel (ed.). **Derivation and explanation in the Minimalist Program**. Oxford: Blackwell, 2002.
KENEDY, Eduardo. Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa. **Revista de Letras**, v. 32, n. 1, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1450. Acesso em: 31 mar. 2026.
KRATZER, Angelika. Making a pronoun: fake indexicals as windows into the properties of pronouns. **Linguistic Inquiry**, v. 40, n. 2, p. 187-237, 2009.
KRIFKA, Manfred. Focus and the interpretation of generic sentences. In: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis J. (ed.). **The generic book**. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 238-264.
MALAMUD, Sophia Alexandra. **Semantics and pragmatics of arbitrariness**. 2006. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 2006.
MALAMUD, Sophia Alexandra. Impersonal indexicals: one, you, man, and du. **Journal of Comparative Germanic Linguistics**, 2012. p. 1-48.
MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. Brazilian and European Portuguese and Holmberg's 2005 typology of null subject languages. In: **Romance languages and linguistic theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2021. p. 171-190.
MOLTMANN, Friederike. Generic one, arbitrary PRO, and the first person. **Natural Language Semantics**, v. 14, n. 3, p. 257-281, 2006.
MOLTMANN, Friederike. Generalizing detached self-reference and the semantics of generic one. **Mind & Language**, v. 25, n. 4, p. 440-473, 2010.
MÜLLER, Ana. Pronomes e anáfora: o estado da arte. **Linha d'Água**, v. 16, p. 17-37, 2003.
NEVINS, Andrew. The representation of third person and its consequences for person-case effects. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 25, n. 2, p. 273-313, 2007.
NUNBERG, Geoffrey. Indexicality and deixis. **Linguistics and Philosophy**, v. 16, n. 1, p. 1-43, 1993.
PILATI, Eloisa et al. Educação linguística e ensino de gramática na educação básica. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, p. 395-425, 2011.
PORTNER, Paul. **Modality**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
REULAND, Eric. Agreeing to bind. In: BROEKHUIS, Hans et al. (org.). **Organizing grammar**: linguistic studies in honor of Henk van Riemsdijk. Berlim: Mouton de Gruyter, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Pereira; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes "tu" e "você". In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SIEWIERSKA, Anna. **Person**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ZOBEL, Sarah. **Impersonally interpreted personal pronouns**. 2014. Tese (Doutorado) – Universität Göttingen, Göttingen, 2014.

ZWART, C. Jan-Wouter. Issues relating to a derivational theory of binding. In: EPSTEIN, Samuel David; SEELY, T. Daniel (ed.). **Derivation and explanation in the Minimalist Program**. Oxford: Blackwell, 2002.

Recebido: 31/3/2026
Aceito: 16/9/2026
Publicado: 22/9/2026